

Comportamento orgânico e nervoso segundo Merleau-Ponty

Organic and nervous behavior according to Merleau-Ponty

Leandro Cardim¹

Resumo: Este artigo pretende apresentar o ponto de vista do espectador estrangeiro como o lugar de onde Merleau-Ponty introduz a noção de comportamento. Assim, os comportamentos orgânicos e nervosos aparecem, cada um em seu contexto, como criadores. Para desenvolver estas ideias, Merleau-Ponty introduz a noção de forma. O artigo pretende apontar para o que o filósofo tem em mente ao dizer que o comportamento é feito de relações.

Palavras-chave: Merleau-Ponty; filosofia, organismo; sistema nervoso; forma.

Abstract: This paper intends to present the viewpoint of the foreign spectator as the place from which Merleau-Ponty introduces the notion of behavior. Thus, organic and nervous behaviors appear, each in their own context, as creators. To develop these ideas Merleau-Ponty introduces the notion of form. The article intends to point to what the philosopher has in mind when he says that behavior is made of relations.

Keywords: Merleau-Ponty; philosophy; organism; nervous system; form.

Em 1942, Maurice Merleau-Ponty publica o livro *A estrutura do comportamento* no qual a noção de comportamento é retomada da psicologia científica com o objetivo de elucidação e de redefinição. Trata-se do primeiro passo de sua filosofia da percepção e do mundo percebido, mas esse passo é significativo, pois implica ao mesmo tempo o método e o sentido do seu trabalho. O filósofo precisa fazer esta retomada porque quando escreve suas teses de doutorado ele encontra uma situação de crise ou de antinomia entre o interior e o exterior em todos os níveis da experiência. Por esse motivo, ele introduz e comenta a novidade da noção de comportamento, e para encaminhar a discussão ele parte do ponto de vista do espectador estrangeiro. Aqui, Merleau-Ponty retoma e interpreta os trabalhos das ciências, tendo em vista a ultrapassagem da antinomia que reaparece quando

¹ Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo em 2019 (École Normale Supérieure), 2014 e de 2007-2009. Doutorado Sanduíche - Universidade Paris 1 (Panthéon-Sorbonne). Doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2007). Mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2001). Graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Goiás (1997).

se quer comentar as características exteriores dos corpos vivos. Assim, este artigo comenta alguns detalhes dos dois primeiros capítulos deste livro, que é a tese de doutorado complementar de Merleau-Ponty (a *Fenomenologia da percepção* de 1945 é a tese de estado), particularmente aqueles detalhes em que a pesquisa científica e a investigação filosófica estabelecem certas relações, isso porque as descrições sempre implicam uma determinada interpretação.

Para além das primeiras ideias das teses, a noção de comportamento continua operante na última fase da filosofia de Merleau-Ponty. Mas quinze anos depois os dados científicos já se modificaram bastante – ele chega a falar de uma “mutação dos conceitos biológicos” (Merleau-Ponty, 1968/1995, p.188)² e introduz na análise as noções de informação e comunicação –, e o filósofo sente a necessidade de voltar ao assunto para abordar de maneira mais radical o comportamento da vida. No curso de 1958, publicado postumamente como *A natureza*, a antinomia introduzida em 1942 entre o materialismo fisiológico, que reduz o comportamento ao reflexo sem conexão interior, e o vitalismo, que interpreta o comportamento como produto de uma finalidade interna, ainda está no pano de fundo. Merleau-Ponty retoma novamente a noção de comportamento só que levando em consideração sua evolução histórica e para mostrar que esta noção “disjunge certas facilidades de pensamento” (Merleau-Ponty, 1968/1995, p.209). Assim, muito tempo antes desses cursos, o filósofo já enfrenta uma situação de crise. Em 1942, a noção de comportamento serve precisamente para ultrapassar essa situação ao comentar o nascimento de uma ideia inseparável de um material sensível, ou seja, uma forma, uma estrutura.

1. O ponto de vista do espectador estrangeiro

Os dois primeiros capítulos do livro conduzem uma investigação indutiva na qual o autor entra em um debate com o behaviorismo e seus modelos mecânicos, inventados para explicar o comportamento. Em contraste com o behaviorismo, Merleau-Ponty apresenta o funcionamento do organismo e do sistema nervoso como uma atividade que entretém uma relação ativa e criadora com um meio específico. Para demonstrar esta hipótese ele fornece não só uma investigação indutiva, mas também uma interpretação filosófica em que o conceito de comportamento aparece como inacabado e aberto. Para

² Todos os textos citados de livros em outra língua que não o português foram traduzidos pelo autor do artigo.

discutir o comportamento ele se coloca ao nível do pensamento científico e procura falar a própria linguagem das ciências que estuda. Merleau-Ponty entende que essas descobertas científicas e suas interpretações não apontam para as mesmas direções. Ele defende que o comportamento não pode ser reduzido à dimensão da coisa e não pode se tornar uma ideia. O comportamento não é em si nem para si, ele é feito de relações. Fazer esta redução é perder de vista “o essencial do fenômeno, o paradoxo que o constitui” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.193): o comportamento não é um invólucro de uma pura consciência, já que ele pode ser observado, e quem o observa não é uma pura consciência, já que esta pessoa mantém com ele uma relação. A novidade está em que esta noção é “neutra com relação às distinções clássicas do ‘psíquico’ e do ‘fisiológico’ e pode nos dar a ocasião de defini-los novamente” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.3). Assim, a neutralidade relativamente às categorias clássicas é diretamente proporcional à interpretação do comportamento como forma ou estrutura e à redefinição das categorias clássicas. Esse trabalho de redefinição se identifica com o trabalho da própria filosofia merleau-pontiana: enquanto filósofo, ele acredita ter encontrado na noção de forma “o meio de evitar as antíteses clássicas”, o meio de evitar o face a face do empirismo (“filosofia que justapõe termos exteriormente associados”) e do intelectualismo (“filosofia que vê em todos os fenômenos as relações próprias do pensamento”) (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.194). A forma é esse meio ambíguo capaz de motivar filosoficamente a ultrapassagem das ciências e das filosofias tradicionais, pelo menos é nisso que Merleau-Ponty aposta.

A investigação parte do nível em que se encontra o debate e os resultados das ciências. Ela assume o ponto de vista do observador exterior para o qual tudo se passa como se fosse possível um saber sobre o mundo sem a intervenção da consciência. Aqui, o filósofo se volta para o exterior e quem investiga não se identifica com o objeto investigado, mesmo que este objeto seja a própria pessoa que investiga. Para esse ponto de vista, o mundo é objetivo e seu ponto de partida não é a consciência, mas o resultado de um processo objetivo e de objetivação que é intersubjetivo. Merleau-Ponty (1942/2013, p.278) “finge”, ser possível um saber do mundo sem a intervenção da consciência e aborda suas questões ao mesmo tempo “partindo ‘de baixo’” e fazendo uma “análise da noção de comportamento” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.3). Trata-se, com esse método, de uma espécie de ficção ou de um artifício literário e filosófico em que o filósofo finge não saber quem é e o que se passa no interior do sujeito. Esse fingimento é um tipo de construção narrativa e discursiva, e ao partir de uma observação exterior o

filósofo não faz mais uma imagem do organismo ou do sistema nervoso como uma soma de dados elementares. O raciocínio tem dois momentos: por um lado, há uma neutralidade do comportamento em relação às distinções clássicas, por outro, há uma necessidade de elucidar a noção. Merleau-Ponty (1942/2013, p.3) pretende “elucidar diretamente a noção de comportamento”, e para isto ele parte desta noção tal como ela é interpretada pela psicologia americana que, segundo ele, desenvolveu a noção de comportamento através de uma “desordem ideológica” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.3). É verdade que John Watson redefine a psicologia como estudo do comportamento, mas é verdade, também, que sua interpretação é “insuficiente” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.4).

A leitura que Merleau-Ponty faz da obra de Watson aponta para o fato de que mesmo rejeitando a consciência como realidade interior em proveito da fisiologia seu trabalho se move no interior da “antinomia clássica” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.4).³ A interpretação de Watson reduz o comportamento a uma “soma de reflexos e de reflexos condicionados entre os quais não se admite nenhuma conexão intrínseca” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.4). Mas Merleau-Ponty não nega que há algo de “saudável e profundo” na intuição do comportamento tal como Watson apresenta, a saber, “a visão do homem como debate e ‘explicação’ perpétua com um mundo físico e com um mundo social” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.7). Mesmo apontado para esta relação, Watson permanece no registro da exterioridade. O problema está na “filosofia indigente” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.4) através da qual ele interpreta o comportamento. Assim, a retomada merleau-pontiana do conceito de comportamento visa uma determinada região da experiência. Na noção trabalhada por Watson ele encontra o que outros chamaram de “*existência*” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.4). Merleau-Ponty não pensa ser possível conceder um estatuto filosófico à noção de comportamento utilizando um pensamento causal ou mecânico, mas sim um “pensamento dialético” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.4). Resumindo: Merleau-Ponty parte da noção de comportamento tal como ela se encontra na psicologia e na fisiologia, investiga a origem dessa noção e fornece uma interpretação filosófica ou dialética.

³ Na Introdução do livro Merleau-Ponty apresenta uma espécie de pano de fundo comum para a física (mecanicismo e dinamismo), a biologia (mecanicismo e vitalismo) e a psicologia (mecanicismo e juízo). A situação entre esses pares de opostos é de antinomia: exterioridade e excomunhão recíproca com o aval da razão. A antinomia clássica que o filósofo tem em mente e que configura a crise é uma das quatro antinomias kantianas, a terceira: a antinomia relacional entre necessidade e liberdade. Conferir *Crítica da razão pura*, “Terceiro conflito das ideias transcendentais” (Kant, 1781/1997). Kant resolve esse conflito diferenciando o fenômeno e o nùmeno, Merleau-Ponty aponta, já nesta Introdução, para a dimensão da existência como terreno em que esses extremos deixam de ser opostos e voltam a trocar seus efeitos.

Watson reduz a psicologia a uma ciência natural, exclui a consciência e pratica a observação exterior.⁴ Para ele o psicólogo deve limitar-se a conhecer o conjunto de respostas ajustadas aos estímulos que a provocam, deve estabelecer dados e leis para, ao apresentar o estímulo, entrever a resposta. O comportamento deve ser dirigido por um conjunto complexo de estímulos e a atividade humana deve ser reduzida ao par estímulo-resposta que o psicólogo observa sem fazer hipóteses sobre o modo como o estímulo desencadeia a resposta. Watson se interessa por aquilo que pode ser verificado e medido objetivamente pela observação exterior. Para ele todos os comportamentos são reduzidos aos comportamentos do organismo e os seres humanos não passam de máquinas cujas atividades se explicam pelas peças que a constituem. É verdade que para ele o organismo age como um todo, mas a coordenação dos movimentos das partes deve se explicar pela existência de correlações materiais. O contraste entre o comportamento e essa interpretação revela “dois homens em Watson: o inovador, que formula princípios de um programa revolucionário, e o conservador que, na prática, assimila o essencial dos conceitos daqueles contra quem se rebela” (Foulquié, 1951/1977, p.114).

Merleau-Ponty confronta esta interpretação do comportamento com as teorias do reflexo e com a psicologia dos comportamentos superiores, mas ele acredita que essa passagem pelo behaviorismo é importante porque com ela o filósofo ganha a introdução da consciência “não como realidade psíquica ou como causa, mas como estrutura” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.4). Assim, os dois primeiros capítulos assumem uma clara posição em um debate de época. Por um lado, esses capítulos discutem a situação da psicologia científica, por outro, eles ajudam a discernir a filosofia expressa por tais psicologias. Para além da detecção de filosofias ultrapassadas, Merleau-Ponty interpreta esses novos conceitos com categorias filosóficas extraídas da fenomenologia e da dialética. O filósofo recusa o método causal e se coloca fora e suficientemente afastado do mundo da interioridade sem, contudo, deixar de insistir no fato de que há um lugar para a objetividade no contexto da experiência. Por isso, o ponto de vista do espectador estrangeiro assume a objetividade da ciência como a primeira fonte para compreender o

⁴ Watson (1913, p.158-166) diz: “A psicologia como o behaviorista a vê é um ramo experimental puramente objetivo das ciências naturais. Seu objetivo teórico é a previsão e o controle do comportamento. A introspecção não constitui parte essencial de seus métodos, nem o valor científico de seus dados depende da facilidade com que eles podem ser interpretados em termos de consciência. [...] Parece ter chegado a hora em que a psicologia deve descartar toda a referência à consciência. Na qual ela não precisa mais tapear a si mesma em achar que ela é tornar estados mentais os objetos de sua observação. [...] Eu sinto que o behaviorismo é o único funcionalismo consistente e lógico. Nele, evita-se a Cila do paralelismo e a Caríbdis da interação. [...] O que nós precisamos fazer é começar a trabalhar sobre psicologia, fazendo o *comportamento*, não a *consciência* como objeto de nosso ataque”.

comportamento. Assim como o cientista, o filósofo não começa suas análises com estados de consciência ao nível do método subjetivo e interior, ele começa com fatos científicos compartilhados. De partida, Merleau-Ponty lança mão da correlação objetiva e dialética entre situação e comportamento: quem investiga as relações entre a consciência e a natureza (orgânica, psicológica e social) deve começar seu trabalho com a teoria clássica do reflexo cuja análise consiste em “decompor a excitação e a reação em uma multiplicidade de processos parciais, exteriores uns aos outros no espaço e no tempo” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.7).

Dois pontos devem ser enfatizados: em primeiro lugar, o behaviorismo afasta as entidades psíquicas em benefício do comportamento que pode ser observado, em segundo, o behaviorismo não fala do que está dentro da psique. É isto que Merleau-Ponty está procurando para começar sua investigação. Ele quer começar seu trabalho observando e descrevendo o comportamento de fora e começando por baixo: o filósofo deve se deixar guiar por esta psicologia científica não para validar seus resultados, mas para ultrapassar a dicotomia do pensamento causal e do realismo e encontrar por traz dela a experiência perceptiva. Merleau-Ponty tem em seu horizonte a relação entre as dimensões do empírico e do transcendental. No plano desse livro, no plano dos resultados das pesquisas científicas interpretadas por uma determinada filosofia, a neutralidade exigida ao espectador estrangeiro implica um determinado trabalho crítico e interpretativo. A propósito, uma das características marcantes desta interpretação é destacar em todos os níveis da análise uma relação entre o empírico e o transcendental. Por isto é possível dizer que o livro revela um “conluio sistemático do manifesto e do refletido, do descritivo e do filosófico, que faz toda a riqueza da obra” (Bimbenet, 2000, p.27). Seu objetivo é fazer a atitude interpretativa nascer do interior da atitude descritiva e fazer aquela inseparável desta. Vem daí um dos objetivos deste artigo: comentar certas descrições para captar o momento em que o aporte categorial característico da primeira filosofia merleau-pontiana entra em cena.

2. O comportamento reflexo

O comportamento reflexo é aquele tipo de comportamento que o senso comum chama de involuntário e que funciona através da associação entre o estímulo e a resposta. Daí o duplo afastamento necessário que caracteriza a análise merleau-pontiana: ele afasta a análise interior que vê uma finalidade no comportamento e a explicação científica que decompõe os estímulos em processos parciais diretamente proporcionais aos elementos

anatômicos. Em contraste como isto Merleau-Ponty exige duas atitudes para se apreender o comportamento: abrir mão de “construir uma representação científica do organismo” e dar crédito aos “dados imediatos da consciência” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.7). Portanto, a ideia de que há uma orientação interna do comportamento e a tese da teoria clássica do reflexo devem ser afastadas. A teoria do reflexo já se encarrega de afastar a introspecção, mas ela mesma deixa de “se fiar” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.7) nos dados de sua experiência e assim é conduzida à decomposição da excitação e da reação. O cientista considera que o estímulo age por suas propriedades elementares, que cada excitante age sobre um receptor anatomicamente circunscrito, que a resposta adaptada se explica por correlações preestabelecidas como dispositivos anatômicos, que esse processo – que vai da excitação à reação – segue uma trajetória definida. Aqui, o estímulo é ativo ou causa e o organismo é passivo ou efeito, o primeiro é um antecedente constante e incondicionado e o segundo se limita a executar o que foi prescrito pelo lugar da excitação e pelos circuitos nervosos. A exterioridade mútua das partes e dos processos é a condição da experiência e o que está em primeiro plano são as condições topográficas, ou seja, o lugar da excitação é que decide quanto à reação. Mas o reflexo condicionado é raramente observado e a própria fisiologia contemporânea ultrapassa a teoria clássica.

Merleau-Ponty lança mão de fatos científicos, trazidos à tona por autores alemães como Victor von Weizäcker e Kurt Goldstein, que valem como “categorias originais que correspondem a uma concepção nova da explicação em fisiologia” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.9).⁵ As obras destes dois fisiologistas alemães são abordadas em contraste com a obra do fisiologista britânico Charles Sherrington e, enquanto filósofo, Merleau-Ponty quer encontrar no organismo aquilo que faz como que um estímulo complexo seja outra coisa além da soma de seus elementos. Em contraste com processos parciais

⁵ Weizäcker defende que as sensações causam movimentos ao mesmo tempo em que os movimentos causam sensações, e isto, em um processo de tipo circular. Seu livro principal, *O ciclo das estruturas* (Weizäcker, 1940/1958), foi traduzido para o francês por Michel Foucault e Daniel Rocher, com prefácio de Henry Ey. Este último sugere que as obras de Weizäcker e de Merleau-Ponty se encontram quando eles mostram que o ciclo estrutural da existência se renova dobrando-se sobre si mesmo em cada apreensão recíproca do sujeito e do mundo. No livro de Merleau-Ponty, Weizäcker aparece como alguém que mostra que o efeito de um estímulo complexo não é previsível a partir dos elementos que o compõem: a forma do excitante é criada pelo organismo através da maneira com que ele se posiciona nas situações. De Weizäcker, Merleau-Ponty cita apenas um artigo de 1927. Já o livro *A estrutura do organismo. Introdução à biologia a partir da patologia humana* (Goldstein, 1934/1983) de Goldstein é muito importante para Merleau-Ponty. Para Goldstein — e é isto que Merleau-Ponty está à procura —, os funcionamentos do organismo e do sistema nervoso comportam sempre um tipo de atividade privilegiada que assegura a melhor relação com o meio; aqui, a norma é o sentido comum dos fenômenos parciais, sentido que não subsiste sem os próprios elementos. Merleau-Ponty encontra neste livro um método fenomenológico aplicado à ciência, e afirma que ele ao mesmo tempo renova os problemas teóricos em contato com os fatos e exprime uma nova atitude relativamente aos problemas da vida.

exteriores uns aos outros no espaço e no tempo, é preciso, então, chamar atenção para a forma temporal e espacial que faz um estímulo agir, pelo menos é isto que acontece no movimento, no ritmo, na distribuição espacial.⁶

O organismo não é passivo, não é um piano, as constelações de excitantes não equivalem aos dedos do pianista: na relação entre quem toca e quem ouve é que surge determinada melodia. Não é possível comparar o organismo a um piano, porque o piano é passivo e é o dedo de quem toca que desenha uma forma original, já o organismo, ao contrário do piano, contribui para constituir a forma perceptível. Claro que os movimentos do organismo também são condicionados por influências externas e que o comportamento pode ser tratado como “efeito do meio” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.14). Mas não se pode negar que os estímulos que o organismo recebe são possíveis graças a seus movimentos anteriores. O organismo cria a própria forma do excitante graças à maneira característica com que se oferece às ações externas. A combinação dos reflexos mostra que há algo imprevisível a partir das leis dos reflexos simples, mas a fisiologia permanece fiel à concepção clássica que exige a dependência do reflexo a um dispositivo local. A teoria do sistema nervoso trabalha com a causalidade linear entre o organismo e seu meio, mas para Merleau-Ponty a descrição dos fatos vem antes da interpretação sistemática e as descrições dos fatos conhecidos mostram que a excitação é determinada pela relação com o conjunto do estado orgânico, e que entre o organismo e seu meio há uma “causalidade dialética” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 17).

A teoria em que o organismo não exerce um papel positivo na elaboração do estímulo não é digna de crédito. Daí a necessidade de noções mais “flexíveis” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 27) para compreender as ligações entre os circuitos nervosos. Se a noção de circuito pré-estabelecido remete ao infinito, como compreender “a aparição, no funcionamento nervoso, de um novo tipo de ordem” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 33)?

⁶ No contexto deste artigo, é fundamental ter em mente esta passagem, além de apresentar o organismo como ativo, sugere a melodia como um modelo de racionalidade e o lugar do ouvinte como correlato da melodia. É este tipo de análise que está no extremo oposto da análise por decomposição que opera com termos exteriores uns aos outros: “Um teclado é justamente um aparelho que permite, segundo a ordem e a cadência dos impulsos recebidos, de produzir inúmeras melodias, todas diferentes entre si, e sabemos como foi usada a metáfora do teclado na fisiologia dos centros nervosos. [...], mas as constelações de excitantes agiriam sobre o organismo como os dedos do pianista em seu instrumento? No próprio piano, nada mais se produz além de movimentos separados dos martelos e das cordas, e é nas montagens motoras do executante, no sistema nervoso do ouvinte, que os fenômenos isolados que têm o piano como fonte constituem um único fenômeno de conjunto, que a melodia em sua sequência e em seu ritmo característico existe verdadeiramente. O organismo, ao contrário, não pode ser comparado com um teclado no qual os estímulos exteriores tocariam, desenhando a forma que lhes é própria; isso pela simples razão que ele contribui para constituir-la” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p.13).

O livro responde esta pergunta em níveis diferentes. Aqui, ele defende que a mudança descontínua de forma e a aparição de uma nova ordem são “criadas pela própria atividade do sistema nervoso e segundo as exigências vitais do organismo” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 33). Ele retira essas ideias da obra de Sherrington, ideias que ultrapassam a antiga concepção do reflexo – “o grande mérito de Sherrington foi ter generalizado a ideia de inibição, ter compreendido que todos os reflexos guardam, em proporções variáveis, excitações e inibições” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 31) –, mas o próprio cientista permanece apegado à antiga concepção que está mais próxima de certos fenômenos patológicos ou de experiências de laboratório do que da atividade normal do ser vivo. Por causa disto as noções de Sherrington “estão destinadas mais a manter a teoria clássica do reflexo do que a fazer compreender positivamente a natureza da atividade nervosa” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 23).

A adaptabilidade confirma: a excitação pontual e o lugar da excitação não são absolutamente determinantes. A atividade nervosa não está sujeita a certos trajetos determinados e não há uma escolha entre vários trajetos preestabelecidos. A relação estímulo-resposta é mediada por interações complexas no interior do sistema nervoso e o reflexo clássico é uma abstração. A adaptação não pode ser explicada pela autonomia dos trajetos nervosos preestabelecidos. A obra de Sherrington mostra isso, mas ele submete o controle das inibições a uma regulação superior que constitui a adaptação ao invés de se submeter a ela: “na sua concepção geral do funcionamento nervoso Sherrington procura salvar os princípios da fisiologia clássica. Suas categorias não são feitas para os fenômenos que ele mesmo colocou em evidência” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 44). A passagem pela fisiologia faz entender que certas noções (estímulo, receptor, arco reflexo) terminam se fundindo umas nas outras e aí se chega ao seguinte problema: como compreender o estímulo adequado se o próprio estímulo adequado não pode ser definido como em si e independente do organismo? O estímulo adequado “não é uma realidade física, é uma realidade fisiológica ou biológica” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 40).

Em contraste com a redução behaviorista, Merleau-Ponty lança mão de explicações globais cuja origem é a Teoria da Forma, essas explicações não isolam o indivíduo de sua situação concreta e o considera em sua complexidade.⁷ Para essa teoria,

⁷ Essa teoria estuda a forma ou a estrutura (*Gestalt*). Inicialmente ela foi uma teoria psicológica e depois se expandiu em uma filosofia. Merleau-Ponty discute com vários autores desta teoria, particularmente com Max Wertheimer, Wolfgang Köhler, Kurt Koffka e Paul Guillaume, que fez parte de sua banca de doutorado. Para essa teoria os fenômenos são conjuntos que constituem unidades autônomas que manifestam uma solidariedade interna com leis próprias. Não se trata de soma de elementos simples,

não há agrupamento de estados elementares aproximados de maneira arbitrária. Ao invés disto, há reorganização ou reestruturação do funcionamento de um órgão estreitamente relacionado com as condições exteriores. Essa reorganização se produz quando há interesse vital em jogo, havendo uma dinâmica de equilíbrio e não o desencadeamento de um dispositivo local automático. Não é a estrutura anatômica como elemento simples que ajuda a compreender o organismo, mas a fisiologia e a função. As estruturas anatômicas se modificam com o funcionamento do organismo e as distribuições são reguladas pela situação: isto está mais próximo da experiência e explica a reorganização do funcionamento do campo visual em pessoas que sofrem de hemianopsia (perda de percepção de metade do campo visual): a visão nessas pessoas fornece “o melhor exemplo de uma atividade nervosa orientada para o equilíbrio funcional” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 55). Nesses casos o organismo se adapta à situação criada pela doença reestruturando o funcionamento do olho, mas se isto for interpretado com as categorias clássicas que relacionam as funções perceptivas de cada ponto da retina à sua estrutura anatômica perde-se a oportunidade de compreender o que se passa com esta pessoa. Como interpretar esta reorganização funcional? Como a reorganização funcional se relaciona com as propriedades de cada ponto da retina? Trata-se de um “processo flexível, comparável à repartição das forças de uma gota de olho em suspensão na água” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 57). A função de cada parte da retina varia conforme a tarefa que o organismo se coloca em uma determinada situação: a função se adapta às forças externas dadas. Além disto, essa estrutura é estável sem precisar de apoio topográfico. Uma experiência como esta remete ao comportamento perceptivo e mencioná-la aqui antecipa a unidade do fenômeno fisiológico da visão. Isto aponta, também, para o fato de que os objetos percebidos extrapolam as condições anatômicas.⁸

isolamento, análise ou dissecação. O elemento não preexiste ao conjunto, o todo e suas leis não podem ser deduzidos do conhecimento das partes separadas. A maneira de agir dos elementos depende da estrutura do conjunto e das leis imanentes que os guiam. Um exemplo marcante de forma é a melodia. As notas constituem as qualidades sensíveis da melodia, mas as notas por si mesmas não fazem a melodia. Há casos em que as relações entre as notas são alteradas e mesmo assim não se destrói a melodia original. Na prática, ouve-se a melodia e rapidamente é possível reconhecê-la, isto acontece mesmo quando é tocada em outra tonalidade. Em um artigo de 1924, Wertheimer (2005, p. 4) diz: “O que me é dado pela melodia não surge como um processo secundário da soma das peças como tal. Em vez disso, o que ocorre em cada parte única também depende do que o todo é. A carne e o sangue de uma nota dependem desde o início de seu papel na melodia: em si como sensível de dó é algo radicalmente diferente do si como tônica. Pertence à carne e ao sangue das coisas dadas em experiência, como, em que papel, em que função elas estão no todo”.

⁸ Com o estudo do reflexo da fixação ocular, Merleau-Ponty faz a crítica ou a redução das conexões nervosas pré-estabelecidas e põe em relevo uma atividade orientada no nível dos fenômenos nervosos elementares que escapa à tradição. Ele se baseia em um fato extraído da obra de Köhler: uma linha vertical é apresentada no estereoscópico a cada um dos olhos de maneira que para cada grau normal de convergência as duas linhas apareçam como paralelas e muito próximas, quem olha através deste aparelho vê rapidamente

Como compreender a significação biológica do reflexo se as reações não podem ser isoladas do conjunto da atividade nervosa, se as reações são guiadas por situações externas e internas e ainda são capazes de se adaptarem ao particular de cada situação? Uma vez afastado o raciocínio clássico que mantém a distinção entre atividades cegas e atividades instintivas inteligentes, é preciso dizer, ainda, que a concepção clássica do reflexo se funda em certas observações que não podem ser ignoradas, afinal, “todos os graus existem na organização e na integração do comportamento” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 60). É preciso dizer, enfim, que a teoria da forma introduz dificuldades ao propor distinções que não respeitam as “estruturas parciais nas quais [os fenômenos] estão inseridos” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 61). Acontece que as concepções clássicas sobre os reflexos não representam a atividade normal, mas apenas um tipo de atividade em que há produção de uma reação quando se força um organismo a responder a estímulos isolados. Ora, o objetivo de Merleau-Ponty é matizar o contraste entre os “estímulos isolados” e as “situações complexas” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 61). Esse contraste ajuda a entender que os reflexos correspondem ao comportamento de organismos doentes e aos comportamentos de laboratório. A concepção clássica só faz sentido quando se isola o estímulo: “os reflexos do laboratório parecem com os movimentos de um homem que caminha no meio da noite e cujos órgãos táteis, os pés, as pernas funcionam, por assim dizer, isoladamente” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 63). Essa comparação deve mostrar que o reflexo não é característico de uma atividade fundamental do vivente. Mas não se pode dizer que o reflexo não existe: “o reflexo existe; ele representa um caso muito particular da conduta, observável em condições determinadas”. Portanto, não é com o reflexo que se compreende a “realidade biológica” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 64).⁹

as linhas se fundirem em uma só. Eis a interpretação merleau-pontiana desta experiência: Merleau-Ponty se situa no ponto de vista da física e diz que há movimentos que tendem a estabelecer um melhor equilíbrio, mesmo que se tenha que fazer algum desvio. Isto ajuda a entender que um resultado funcional mais ou menos constante pode ser obtido por meios variáveis. Em suma: “é a função que permite compreender o organismo” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 51). Dito de outro modo: as distribuições orgânicas são reguladas pela situação. Nos fatos de reorganização do campo visual de pessoas acometidas de hemianopsia há ações de substituição, de transferência de hábitos e de desvios: “Esses fatos são essenciais para nós, pois evidenciam, entre o mecanismo cego e o comportamento inteligente, uma atividade orientada da qual o mecanicismo e o intelectualismo clássicos não dão conta” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 54). Merleau-Ponty reenvia à obra de Goldstein e aponta para o fato de que essas considerações não têm nada de antropomorfismo, mas isto desde que “se reconheça nos fenômenos nervosos ditos elementares uma orientação, uma estrutura” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 55).

⁹ Mesmo em animais, o funcionamento por partes separadas representa uma aquisição tardia. Neste ponto, Merleau-Ponty faz menção a um artigo de Frederik Buytendijk no qual os elementos estudados em fisiologia não existem no início da vida do animal: “são os movimentos totais que são primários e os reflexos isolados que são secundários. Esses movimentos totais têm desde o início uma forma, mas esta forma é global, não diferenciada” (Buytendijk, 1931, p. 357). Este cientista influenciou a obra de Merleau-Ponty, mas este também influenciou a obra daquele. Enfim, um ponto deve ser destacado: Buytendijk parte

Para Merleau-Ponty, o que faz de um vivente um vivo é a estrutura que não pode ser decomposta. Depois da crítica da teoria do reflexo condicionado e da análise de alguns exemplos, ele aborda o comportamento efetivo e considera o processo nervoso como dinâmico e circular, é isto que garante uma regulação flexível. Assim, a categoria de forma aparece como uma “nova categoria” que tem “aplicação no domínio inorgânico como no domínio orgânico” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 66), ela faz aparecer no sistema nervoso as funções transversais. É verdade que definir a forma como um tipo de sistema que se modifica a cada mudança ocorrida em uma única parte não esgota as possibilidades heurísticas da forma. Mesmo assim, esse tipo de definição com característica física é afeito ao fenômeno nervoso. Seja como for, é com a noção de forma física que se compreende a função do sistema nervoso como “organização de trajetos novos a cada momento” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 70). O fundamento para os fenômenos do sistema nervoso não está na estrutura anatômica, no dispositivo estável, no centro autônomo. Os fenômenos de distribuição nervosa não são guiados por nenhuma topografia, eles estão o tempo todo submetidos a condições variáveis.¹⁰

do conceito de meio de Jacob von Uexküll: o meio em que vive o animal não é um meio ambiente objetivo, ele é diretamente proporcional ao modo com que o próprio meio faz sentido para o animal. Além disto, para Buytendijk as pessoas não possuem só um meio, possuem também um mundo. No terceiro capítulo do livro *A estrutura do comportamento*, para comentar o tipo característico da totalidade orgânica, Merleau-Ponty diz que “os atos vitais têm um sentido, eles não se definem, na própria ciência, como soma de processos exteriores uns aos outros, mas como desenvolvimento temporal e espacial de certas unidades ideais. ‘Todo organismo, dizia Uexküll, é uma melodia que canta a si mesma’” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 241). Merleau-Ponty cita esta passagem a partir de um artigo de Buytendijk. E Raymond Ruyer tem razão: a posição teórica de Merleau-Ponty pode ser depreendida do comentário que segue a citação: “Isso não quer dizer que ele [o organismo] conheça essa melodia e se esforce para realizá-la; significa apenas que é um conjunto significativo para uma consciência que o conhece, não uma coisa que repousa em si” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 241). Para Merleau-Ponty, importa “apenas” distinguir o organismo de uma coisa em si e apontar para a correlação entre o conjunto significativo e a consciência. Para Ruyer (1952, p. 217), este “apenas” compromete porque quando Merleau-Ponty remete à consciência, ele “desvia inteiramente da verdade”. Por quê? Simplesmente porque ao frisar a correlação se desvia da vida de um ser vivo.

¹⁰ A menção no início deste parágrafo ao vivente deve ser ocasião para mais um esclarecimento. Para Merleau-Ponty, é a estrutura indecomponível que faz de um vivente um vivo. Ora, o próprio Merleau-Ponty cita em sua tese o livro de Henri Bergson *A evolução criadora* (Bergson, 1907/1970) em que a questão da vida é tratada em outra direção. Apesar da proximidade de Merleau-Ponty com Bergson subsistem diferenças significativas. Importa apenas salientar que, neste ponto, a filosofia de Bergson desemboca, por exemplo, na obra de Georges Canguilhem que aborda a questão da vida por um viés que não passa pela dialética hegeliana, pelo marxismo ou pela fenomenologia, mas pela biologia e pela história das ciências. Mesmo que ele faça menção ao livro de Merleau-Ponty no Prefácio de *O normal e o patológico* (Canguilhem, 1943/1995, p. 11), há um afastamento da consciência, mesmo interpretada como estrutura. Para Canguilhem, em *O conhecimento da vida*, seguindo Bergson neste ponto, o vivente cria normas que configuram o seu meio específico, além disto, a relação entre inteligência e vida é introduzida de um ponto de vista diferente daquele da teoria da forma e do comportamento: “a inteligência só pode se aplicar à vida reconhecendo a originalidade da vida. O pensamento do vivente tem que tirar do vivente a ideia de vivente” (Canguilhem, 1952/1998, p. 13). O texto de Merleau-Ponty não caminha nesta direção, muito pelo contrário, a ambiguidade da forma exige a ambiguidade da consciência perceptiva. É verdade que, por enquanto, o vivente é apenas a forma, mas é verdade, também, que a forma é sempre para alguém. O

Neste nível da abordagem o problema da teoria da forma está em que ela introduz o antropomorfismo e a finalidade em física e fisiologia. Ela faz isto ao projetar normas humanas nos fenômenos. A unidade de determinação recíproca do funcionamento nervoso não é um resultado e não deriva de uma multiplicidade de fenômenos locais; esse trabalho implica assumir sub-repticiamente um rompimento da unidade e torna inevitável o retorno a um princípio de ordem exterior. O importante, para Merleau-Ponty, é frisar que o funcionamento do sistema nervoso não aceita nenhuma imagem que o represente como uma coisa em si ou separado de processos que se determinam reciprocamente: é a “autodistribuição que exprime a noção de forma” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 73). Assim, é possível dizer que os comportamentos privilegiados definem o organismo objetivamente, mas é preciso acrescentar que para isto acontecer deve-se renunciar o “realismo mecanicista” e o “realismo finalista”, ou seja, “todas as formas do pensamento causal” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 24).

3. Os comportamentos superiores

Os comportamentos superiores também são conhecidos como nome de funções psíquicas superiores (funções complexas como a memória, a linguagem, o juízo, a aprendizagem e outras funções). Quando Ivan Pavlov descreve a conduta, a ideia de que a soma das excitações produz cada um dos estímulos parciais guia seus estudos. Se a atividade reflexa é a reação regular do organismo aos fatores do mundo externo, a atividade nervosa superior também deve passar pelo mesmo determinismo. Mas para Merleau-Ponty, o verdadeiro excitante das reações condicionadas é a “estrutura precisa da situação” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 81). Assim, a teoria dos reflexos condicionados, ao mesmo tempo, confunde o comportamento com a coisa objetiva da ciência e interpreta o organismo, transpondo a clivagem encontrada no universo das coisas. Essa teoria não é uma “descrição fiel do comportamento”, mas uma construção inspirada em “postulados atomistas” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 83).

Eis o raciocínio de Pavlov: inicialmente há suposição de que para cada percepção de um objeto cuja distância varia são dados na consciência imagens individuais de dimensões diferentes ou no organismo processos fisiológicos sem medida comum. Em seguida, encontra-se em uma operação mental ou em qualquer conexão associativa o meio de reconduzir à unidade certos indivíduos psíquicos ou fisiológicos. Estas questões só são

problema está em que é precisamente assim que se pré-configura a filosofia da consciência que ele se encarrega de ultrapassar em sua última filosofia.

colocadas e esses tipos de soluções só são propostas porque se considera que as imagens psíquicas de um objeto e os processos fisiológicos que o mesmo objeto suscita no sistema nervoso são como que realidades separadas. No nível da atividade reflexa, os diferentes processos são todos exteriores uns aos outros no espaço e no tempo, além disso, eles são unidos por relações de causalidade. No nível da atividade nervosa superior, Pavlov mostra que os comportamentos novos também se fundam em reflexos. Merleau-Ponty argumenta que Pavlov raciocina assim porque não escolheu como noção diretora em psicologia e em fisiologia a noção de estrutura, mas a de átomo. Mesmo determinado a fundar uma ciência do comportamento próxima aos fatos, Pavlov reintroduz os postulados da antiga psicologia. É preciso, então, colocar em contraste o comportamento observável e as hipóteses anátomo-fisiológicas através das quais este cientista procura interpretar o comportamento.

Os mecanismos construídos por Pavlov mascaram a discordância entre a teoria e a experiência: “longe de ser calcada em fatos, as categorias de Pavlov lhe são impostas” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 86) e a própria situação é considerada, em suas próprias palavras, como “um imenso mosaico” (Pavlov *apud* Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 9) de excitantes físicos ou químicos. Pavlov transporta diretamente para o sistema nervoso central noções descritivas encontradas na observação do comportamento reflexo, ele acredita usar um método fisiológico que Merleau-Ponty chama de “fisiologia imaginária” e que deve estar em contraste com o “fato fisiológico” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 87) trazido à tona por Goldstein. Pavlov começa com um estudo do comportamento, mas ele “não está suficientemente consciente do caráter construtivo de sua fisiologia” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 88). Por causa disto funda sua fisiologia em postulados da antiga psicologia. Já Merleau-Ponty faz um contraste entre a concepção de Pavlov e de Goldstein e elabora uma concepção positiva derivada da análise de certos resultados das pesquisas modernas sobre o funcionamento nervoso central.

As descrições feitas a partir do ponto de vista do espectador estrangeiro são retomadas a partir da consideração do setor central do comportamento e do problema das localizações. A teoria das localizações cerebrais afirma a existência de uma sede para as faculdades e capacidades mentais. O contraste inicial é entre essa concepção pontual que relaciona os estímulos, o sistema nervoso, o comportamento e a concepção da neurologia moderna. Trata-se, para esta última, de investigar o caráter estrutural dos transtornos provocados por lesões no córtex cerebral para dizer que essas pessoas não perderam os estoques de movimentos, mas certos tipos de atos e certos níveis de ação. É o impasse

experimentado que está em questão, ele se dá quando a pessoa é obrigada a sair do real para entrar no possível, quer se trate da ação, da percepção, da vontade, do sentimento ou da linguagem. Assim, a introdução da noção de atitude categorial faz aparecer o caráter estrutural da lesão, e quando essa atitude não entra em cena a pessoa é incapaz de “circunscrever nitidamente um conjunto percebido, concebido ou apresentado, a título de *figura*, em um *fundo* tratado como indiferente” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 96).

O alcance da atitude categorial pode ser vislumbrado se ela for colocada em contraste com o pensamento geralmente admitido quanto ao problema das localizações. Para Pavlov há o postulado atomista e a correspondência pontual e unívoca de um termo a outro; tudo se passa como se os comportamentos nervosos constituíssem um mosaico e a atividade nervosa não passasse de um processo autônomo de distribuição, enquanto o sistema nervoso vestiria a metáfora platônica e cartesiana e se tornaria o piloto que dirige o navio ou o comportamento. Aqui domina a relação de pura exterioridade entre as partes. Mas a partir das pesquisas de Goldstein o caráter estrutural é posto em relevo: uma lesão, mesmo localizada, pode determinar distúrbios de estrutura que afetam o conjunto do comportamento, mas o funcionamento nervoso não é um processo de tipo global no qual todas as partes intervêm da mesma maneira, além disto, a função de cada uma das partes não é indiferente ao substrato pelo qual ela se realiza, o que implica o fato de que o lugar da substância nervosa é equívoco, ele é ao mesmo tempo depositário de instrumentos de certas funções especiais e lugar em que se elabora uma conduta que leva a um nível superior as relações entre o organismo e o meio. O funcionamento nervoso é um tipo de atitude global que confere a movimentos materialmente diferentes uma mesma significação; já as excitações locais sofrem uma série de reestruturações que terminam ordenando tais excitações segundo dimensões novas e originais da atividade orgânica e humana.

O problema das afasias aparece e de acordo com a tradicional teoria das localizações esses distúrbios implicam a ausência de conteúdos do comportamento. Mas com as pesquisas modernas algo novo é compreendido: “o sintoma é uma resposta do organismo a uma questão do meio, que assim o quadro dos sintomas varia com as questões que fazemos ao organismo” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 93).¹¹ É preciso,

¹¹ Neste ponto, Merleau-Ponty se refere ao livro de Goldstein, o qual decide estudar fenômenos decorrentes de uma lesão no córtex que são “particularmente significativos” quando se trata de “conhecer a essência do homem”: “tomamos esta decisão porque ela nos permite demonstrar certas leis gerais da desintegração funcional, leis que importa conhecer para ver claramente as funções do organismo” (Goldstein, 1934/1983, p. 15). As teorias mais tradicionais defendem que depois de uma lesão do córtex se produzem déficits

então, afastar a atitude do fisiologista e do psicólogo tradicionais: um se pergunta se o paciente pode falar, compreender, escrever e ler, se pergunta o que pode ser interpretado como um distúrbio das imagens verbais ou visuais, o outro se pergunta se o paciente abordou as faculdades correspondentes ou os equivalentes empíricos. Nos dois casos o ato concreto da percepção, da visão e da fala é reconduzido a conteúdos da consciência (representações e imagens mentais) e nesta perspectiva a afasia não passa de uma perda de controle de certas coleções de estados psíquicos. Acontece que os fatos e as contradições da teoria obrigam o fisiologista e o psicólogo a tomar consciência dos postulados da concepção clássica das localizações. A teoria das imagens verbais e a filosofia das faculdades são ao mesmo tempo realistas (análise de atos em fragmentos reais) e abstratas (isolamento de fragmentos reais de seu contexto). Para compreender as pesquisas modernas é preciso partir do fato de que o afásico ou o apráxico “são capazes ou incapazes de certas ações verbais ou reais conforme elas se situem em um contexto concreto e afetivo ou, ao contrário, sejam ‘gratuitas’” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 94). Em certas afasias a pessoa não perde as palavras que, enfim, ela continua sendo capaz de empregar em linguagem autônoma.¹²

Esses atos e ações que envolvem essa atitude gratuita são diretamente proporcionais não só ao ato de nomear, mas também estão ligadas a todas as atitudes que exigem algum grau de gratuidade. Merleau-Ponty comenta os atos e ações ligados ao nome das cores, particularmente a questão da amnésia dos nomes das cores. O distúrbio da atitude categorial vem acompanhado do “distúrbio na capacidade de combinar as cores

funcionais circunscritos como os da linguagem, do reconhecimento visual e dos atos; mas a clínica revela sintomas que são impossíveis de fazer entrar nos quadros clínicos tradicionais. Há, portanto, uma mudança na situação que está em contraste com a posição tradicional, e essa diferença diz respeito ao método. Como o sintoma é tradicionalmente considerado uma expressão direta de uma determinada lesão do sistema nervoso, por isto mesmo não se faz a sua gênese. Goldstein defende que existem poucos sintomas que se manifestam espontaneamente. Para a maioria dos sintomas “é preciso lançar mão de um procedimento de exame bem determinado. *Os sintomas são respostas que o organismo dá a certas questões bem determinadas que lhe são postas*, ou pelo menos eles são co-determinados por estas questões” (Goldstein, 1934/1983, p. 16-18). Merleau-Ponty segue Goldstein em sua crítica a certa análise semiológica, mas ele não o acompanha em suas conclusões intelectualistas que o prende ao problema que ele mesmo recusa. Para Merleau-Ponty, a atitude concreta não existe sem a atitude categorial e esta não se concebe fora das situações concretas em que se encarna – “não se age só com o espírito” (Merleau-Ponty, 1934/2013, p. 274).

¹² Nesses casos a pessoa “perdeu o poder de nomear, porque, no ato da denominação, o objeto e a palavra são tomados como representantes de uma categoria, considerados, portanto, de certo ‘ponto de vista’ escolhido por aquele que nomeia, essa ‘atitude categorial’ não é mais possível em um sujeito reduzido à experiência concreta e imediata. O que é inacessível não é certo estoque de movimentos, mas certos tipos de atos, certo nível de ação. Compreende-se assim que o distúrbio não se limita a uma faculdade particular, mas se encontra, em graus variáveis, em todas aquelas que exigem a mesma atitude de gratuidade” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 95).

segundo um princípio de classificação do dado (seja a claridade, seja o tom fundamental)” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 95). Isto acontece porque a operação de combinar cores segundo um princípio de classificação “exige a mesma atitude categorial que é necessária para nomear um objeto” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 97). Para circunscrever essa atitude com relação às cores basta mencionar o fato de que uma pessoa que não foi acometida do distúrbio toma uma amostra de cor como representante de uma categoria de cor. Em contraste com isto é que se compreende o comportamento em que a atitude categorial não entra em cena.¹³ Seja com relação às palavras ou às cores, trata-se de pôr em relevo a deficiência de uma função fundamental: a atitude categorial. Essa atitude se refere à possibilidade de se adaptar ao possível. Assim, o que está em questão na nomeação de um objeto ou de uma cor é que “a transformação patológica acontece no sentido de um comportamento menos diferenciado, menos organizado, mais global, mais amorfo” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 96). Seja como for, nos comportamentos que envolvem as palavras e as cores não é o conteúdo que importa, mas a estrutura e esta não se deixa apenas observar, é preciso compreendê-la. Além disto, a alteração qualitativa da conduta só aparece através da comparação. É isto que põe em relevo o novo tipo análise que ao invés de isolar elementos, compreende o estilo e a lei imanente de um conjunto.

A doença não é uma coisa ou uma potência que provoca certos efeitos, o comportamento patológico não é homogêneo ao funcionamento normal, a relação do distúrbio com os sintomas não é de causa e efeito. A doença “é um novo *significado* do comportamento, comum à multiplicidade dos sintomas” e o funcionamento patológico instaura uma “relação lógica de princípio/consequência ou de significado/signo” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 97). Eis aí, então, o resultado do contraste entre as concepções clássicas e o caráter estrutural dos distúrbios tal como investigado pelas pesquisas modernas. Esse contraste auxiliou os pesquisadores a compreender o caráter estrutural do distúrbio de um famoso ferido de guerra. Os distúrbios de Schneider dizem respeito “ao mesmo tempo à percepção, ao reconhecimento e as lembranças visuais – a espacialidade dos dados táteis e o reconhecimento tátil –, a motricidade (o doente é incapaz de começar ou de realizar um movimento de olhos fechados) – enfim, a memória, a inteligência e a linguagem” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 97). Assim, a percepção de

¹³ Merleau-Ponty diz: “O doente pode classificar apenas conforme impressões concretas de semelhança que se formam nele mais do que são por ele dirigidas. Classifica sem princípio, e disso decorre que, dominado por suas impressões de coerência, ela reúna ora amostras que se assemelham apenas da perspectiva da claridade, ora e inesperadamente a mostrar que têm em comum apenas o tom fundamental, qualquer que seja a instrução dada” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 95).

Schneider não se deixa guiar pelo essencial de um processo como a percepção de uma pessoa que não é acometida pela mesma espécie de distúrbio e que, no limite, se deixa organizar segundo a lógica e a estrutura das relações de figura e fundo. Há, em Schneider, uma deficiência desta estrutura, uma incapacidade de executar uma ação com base em simples indicações verbais ou padrões de cores previamente dados. Em suma: a pessoa normal regula seu comportamento com relação ao que há de essencial em uma situação e esse mesmo comportamento pode ser reencontrado em outras situações análogas.

A estrutura ou a forma vai além dos simples conteúdos. Na existência desses distúrbios de estrutura é preciso ver a sugestão de uma função geral de organização dos comportamentos. É dessa função que depende a constituição das formas visuais na pessoa normal, é dela que depende a iniciativa sexual normal assim como o manejo lúcido dos números, é dela que depende todos os comportamentos “adaptados ao virtual” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 110). Essa função é um tipo de “atividade global capaz de conferir aos movimentos materialmente diferentes uma mesma forma típica, um mesmo predicado de valor, uma mesma significação” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 110). Portanto, deve-se concluir daí a característica ilusória do paralelismo postulado pela antiga psicologia.¹⁴ O método de análise elementar da antiga psicologia decompõe o todo em uma soma de partes reais, dissocia o funcionamento nervoso em um mosaico de processos justapostos, divide este funcionamento entre centros autônomos, reduz os atos da consciência à associação dos conteúdos reais ou ao jogo combinado de faculdades abstratas e faz crer na correspondência da sensação isolada nas excitações locais. O paralelismo faz isto acontecer porque opera em um “meio artificial da experiência de laboratório” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 115).

Como Merleau-Ponty interpreta estes resultados? Até este momento tratou-se de criticar o atomismo dos psicólogos e dos fisiologistas, agora se trata de investigar “sob que categorias os fenômenos revelados por esta crítica podem ser positivamente pensados” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 117). Não basta corrigir o atomismo acrescentando noções equívocas como as de integração e coordenação.¹⁵ Para Merleau-

¹⁴ O *Vocabulário da psicologia* de Henri Piéron esclarece o sentido dos termos técnicos. Paralelismo: “ponto de vista filosófico adotado por diversos psicólogos [...] a propósito das relações entre pesquisas fisiológicas e pesquisas psicológicas, e segundo o qual, para todos os fenômenos psíquicos, pode haver simultaneamente um determinismo orgânico e um determinismo psíquico, com paralelismo de dois planos suscetíveis de ser seguidos de maneira independente, sem inter-relações causais” (Piéron, 1951, p. 204).

¹⁵ Integração: “processo através do qual a ação do sistema nervoso funciona essencialmente para unificar as expressões da atividade do indivíduo”; Coordenação: “processo que, nos centros nervosos, assegura a

Ponty, essas noções podem ou representar uma “simples antítese ou contrapartida do atomismo” ou “uma reforma verdadeira do entendimento psicológico e fisiológico” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 117). É verdade que apenas a continuação do livro permite compreender as razões desta reforma, mas seu sentido já pode ser lido através da análise de três exemplos: a percepção espacial, a percepção cromática e a fisiologia da linguagem.

Quais são as condições para a localização de um ponto percebido? A análise da percepção estereoscópica da profundidade já traz algo interessante, mas a interpretação da permuta dos signos locais com uma linguagem puramente atomista como faz Henri Piéron não é adequada, afinal, essa linguagem pode ser traduzida no “vocabulário clássico” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 118). O que colocar no lugar da psicologia que compreende o comportamento reduzindo-o ao paralelismo rigoroso e os fatos psíquicos a mecanismos psicológicos? O que torna possível o campo espacial? Aqui, o estímulo exerce uma função na constelação no interior da qual está inserido e a estrutura de conjunto dá a especificidade local dos circuitos associativos. O que faz com que os correspondentes psíquicos de duas excitações retinianas recebam a mesma função no espaço percebido? É a função comum das excitações que as ligam a um mesmo circuito associativo.

A análise das condições fisiológicas da percepção cromática conduz às mesmas conclusões. Baseando-se nas considerações feitas por Piéron, Merleau-Ponty se pergunta se as ideias de integração ou coordenação bastam para resolver as dificuldades do atomismo fisiológico. Repete-se, agora, o raciocínio sobre os signos locais, mas, agora, é preciso saber se “os valores cromáticos atribuídos a cada um dos pontos objetivos que se projetam na retina dependem verdadeiramente apenas das propriedades de influxo local aferente” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 123). Será que esses valores projetados na retina dependem do influxo que conduz um impulso a um centro nervoso? Como compreender o “valor cromático atribuído na percepção em tal ponto do campo visual” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 126)? Em primeiro lugar, esse valor cromático não é um efeito composto pela excitação local e pelas excitações simultâneas distribuídas na retina: ele “depende do valor cromático atribuído ao fundo, e este tende para neutralidade, seja qual for a excitação recebida, em virtude de uma lei de equilíbrio própria do sistema nervoso” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 127). O valor cromático de uma excitação dada depende da estrutura cromática do conjunto. Em segundo lugar, o valor cromático depende da

combinação dos comandos para enviar aos aparelhos efetores e faz que, por excitação ou inibição, os grupos musculares cooperem com uma resposta definida” (Piéron, 1951, p.143, 62).

estrutura espacial. Para explicar a colaboração de dois planos coloridos não se pode lançar mão das propriedades dos estímulos locais, é preciso compreender suas dependências com relação à organização do conjunto do campo. Os planos coloridos colaboram entre si graças à distribuição dos valores espaciais e, inversamente, a organização em profundidade do mundo é condicionada por certas propriedades objetivas dos estímulos cromáticos. Para Merleau-Ponty (1942/2013, p. 129), é preciso “renunciar a construção da visão das cores a partir das características locais do influxo de cada um dos neurônios que o transmitem”.

Quem toca o teclado cromático, o cromatofanometro?¹⁶ Certamente que não são os influxos aferentes e os estímulos externos que tocam este aparelho: “a melodia das cores depende de uma função transversal que atribui a cada parte da excitação seu valor cromático momentâneo” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 129). Mas não é possível ater-se a essa conclusão, pois assim como o problema fisiológico da percepção espacial não é resolvido pelo atomismo, quando este se limita a remeter aos circuitos associativos os signos locais absolutos atribuídos a cada ponto da retina, da mesma forma não se pode supor um neurônio cromático para cada nuance de luz, pois isto equivaleria “admitir uma correspondência termo a termo entre as diferentes cores do meio e diferentes pontos do córtex cerebral” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 129). Esta atitude obriga a fazer uma superposição entre duas representações do sistema nervoso, entre uma projeção realista do mundo exterior no córtex e os processos de distribuição pelos quais se manifesta a atividade própria da função nervosa. Merleau-Ponty defende que as percepções do espaço e as percepções das cores são ao mesmo tempo um fenômeno de estrutura e aspectos abstratos de um funcionamento global, afinal, não é o excitante físico e sua ação sobre o sistema nervoso que determina a cor ou a posição espacial percebidas, assim como não há no córtex um teclado de cores ou de posições espaciais destinado a recolher excitações externas.¹⁷ Merleau-Ponty (1942/2013, p. 130) insiste no fato de que “as determinações

¹⁶ Merleau-Ponty se refere ao cromatofanômetro, aparelho criado em 1930 por Piéron para determinar a sensibilidade discriminativa de uma das três variáveis da sensação global de cor: a variável da intensidade que deve ser caracterizada no momento em que a cor é percebida como propriedade do objeto, a variável das tonalidades cromáticas e a das saturações. “O cromatofanômetro é feito de um cilindro movido em grande velocidade por uma manivela, e sobre o qual estão enroladas fitas bipartidas (preto e branco, para as intensidades, vermelho e verde, vermelho e azul, azul e verde para as tonalidades, vermelho e cinza, azul e cinza, verde e cinza para as saturações). As proporções de duas seções variam continuamente (seguindo certa lei) de um lado a outro do cilindro; se produz, durante a rotação, por fusão, uma gradação de intensidades, saturações ou tonalidades, e o sujeito deve determinar o ponto em que ele julga que há igualdade com certo padrão que lhe é apresentado” (Piéron, 1951, p. 49).

¹⁷ Aqui Merleau-Ponty utiliza o vocabulário da teoria dos todos e das partes tal como ela sai das mãos de Edmund Husserl. Segundo o filósofo alemão há dois tipos de todo e dois tipos de partes. O todo formado

cromáticas e espaciais são momentos de uma estrutura dinâmica de conjunto que atribui certo coeficiente a cada parte da excitação total”. É isto que impede a projeção desses coeficientes sobre uma escala de cores e lugares: “a hipótese de um teclado de cores está ligada à antiga concepção de um paralelismo dos conteúdos, ela se coaduna mal com a concepção moderna de um paralelismo do funcionamento nervoso e do funcionamento psíquico” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 130). O teclado de Piéron não resolve as dificuldades porque reconduz às representações anatômicas. Merleau-Ponty lança mão das análises de Piéron para fazer entender que essas ideias de integração e coordenação não são suficientes para resolver as dificuldades do atomismo fisiológico. Por um lado, Piéron “rejeita a hipótese de um centro espacial para as visões das cores”, por outro, ele “admite que os cones receptores da retina estão em relação com um teclado de neurônios cromáticos e que cada um é afetado pela percepção de uma nuance” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 122).

A fisiologia da linguagem também é ocasião para entender que essas noções de integração e coordenação estão comprometidas com o atomismo. É verdade que para Piéron os centros coordenadores não são depósitos de traços dados, mesmo assim eles são interpretados como “postos de comando capazes de executar sob um único teclado de fonemas os mais diferentes conjuntos, como um mesmo piano pode tocar uma infinidade de melodias” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 131). Ora, para compreender o que está em questão na linguagem é preciso adotar o ponto de vista funcional, pois não se pode pensar que palavras semelhantes tenham no cérebro teclas vizinhas que comandam sua evocação. Pensar assim equivale “a projetar no mapa do cérebro as relações lógicas ou as relações de similitude das palavras, segundo os hábitos do antigo paralelismo” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 132). Ainda que se aceite a hipótese de um dispositivo coordenador preestabelecido não se pode deixar de “procurar, no conjunto atual da palavra ou da frase o que orienta e guia os influxos elementares correspondentes aos fenômenos e às palavras para essas vias já dadas” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 133). Que tipo de coordenação

por partes independentes umas das outras e o todo formado por partes dependentes. As partes independentes são consideradas “pedaços”, as partes dependentes são “momentos” ou partes “abstratas” de um todo. Um todo é considerado abstrato quando suas partes são dependentes umas das outras, como a cor e a extensão, o juízo e a representação. As partes independentes existem separadas umas das outras, elas também são representadas separadamente. Husserl desenvolve estas ideias nas *Investigações lógicas*, particularmente na Terceira: “Para a doutrina dos todos e das partes”. Ele começa esta investigação comentando a distinção introduzida por Carl Stumpf, autor de uma obra dedicada à música: *Psicologia dos tons* (1883-90). Husserl desenvolve sua teoria partindo da diferença entre “conteúdos ‘abstratos’ e conteúdos ‘concretos’ que se apresenta como idêntica à diferença de Stumpf entre conteúdos *dependentes* e *independentes*”, essa distinção ou diferença “é de grande importância para todas as investigações fenomenológicas” (Husserl, 1900-1901/2007, p. 248).

é adequado à linguagem? Certamente não é o paralelismo de Piéron: “é preciso conceber a coordenação [...] como a constituição de ‘formas’ ou de estruturas funcionais” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 135). Não é o tipo de coordenação característica de uma máquina que interessa aqui, afinal, “uma máquina é capaz apenas das operações para as quais foi construída” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 133). Já a coordenação funcional opera de uma maneira que não consiste em uma simples reunião de elementos.¹⁸

As conclusões que o filósofo tira da observação desses fatos tem um duplo alcance filosófico: um alcance negativo ou crítico e um alcance positivo ou afirmativo. O alcance crítico destas ideias está em que nem as palavras, nem a percepção das cores, nem as posições espaciais permitem quem interpreta ver no funcionamento nervoso estímulos que acionam dispositivos preestabelecidos. Para Merleau-Ponty, “o processo fisiológico que corresponde à cor ou à posição percebida, ao significado da palavra, deve ser improvisado, constituído ativamente no processo da percepção” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 135). Esse processo é a criação de uma unidade de sentido. A cor e a posição percebida dependem até certo ponto das propriedades de tais excitações, mas elas dependem muito mais das “leis próprias do funcionamento nervoso” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 135). Deste ponto de vista não é possível conceder que a percepção seja determinada por estímulos que resultam em reações: “não é o mundo real que faz o mundo percebido” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 135). Para compreender o verdadeiro funcionamento do sistema nervoso a fisiologia deve renunciar a recomposição de estímulos isolados e partir dos “dados fenomenais” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 135).

¹⁸ Merleau-Ponty diz que os elementos coordenados “constituem juntos, pela própria reunião, um todo que tem sua própria lei e a manifesta desde que os primeiros elementos de uma excitação são dados, como as primeiras notas de uma melodia dão ao conjunto certo modo de resolução. Enquanto as notas consideradas isoladamente têm um significado unívoco, sendo capazes de entrar em uma infinidade de conjuntos possíveis, cada uma delas, na melodia é exigida pelo contexto e contribui por seu lado a exprimir algo que não está contido em nenhuma delas e que as liga interiormente. As mesmas notas em duas melodias diferentes não são reconhecidas como tais. Inversamente, a mesma melodia poderá ser tocada duas vezes sem que as duas versões comportem um único elemento comum, se ela foi transposta. A coordenação é agora a criação de uma unidade de sentido que se exprime nas partes justapostas, de certas relações que nada devem à materialidade dos termos que unem. De uma coordenação desse gênero é que a fisiologia da linguagem precisa. É necessário que os homônimos suscitem uma elaboração que suprime o equívoco, que algumas sílabas de uma palavra a designem sem ambiguidade, como quase acontece na linguagem corrente, e isso será possível apenas se os influxos que elas provocam no sistema vierem confirmar, como as notas finais de uma melodia, os detalhes de uma estrutura já desenhada em seu conjunto. Da mesma maneira, é preciso que a frase de um orador se organize, por assim dizer, sozinha, como acontece de fato no uso normal da linguagem, pois a consciência dos meios de expressão por eles mesmos, a contemplação das ‘imagens verbais’ já é um fenômeno patológico. É preciso que as primeiras palavras já sejam ritmadas e acentuadas de modo que se convenha no final da frase que, entretanto, ainda não é determinada, a não ser como as últimas notas da melodia são pré-formadas na estrutura de conjunto” (Merleau-Ponty, 2013, p. 134).

As concepções de Pavlov são inconciliáveis com a patologia e a fisiologia de Goldstein, para quem o organismo funciona como uma totalidade em todas as suas relações.¹⁹ Ora, quando alguém mexe seu corpo todos os músculos estão envolvidos, assim, toda reação a uma situação implica a totalidade da resposta do organismo. Se as influências dessas concepções modernas já são relevantes ao nível do espectador estrangeiro, elas são ainda mais visíveis em uma “análise completa da percepção” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 136). Por quê? Simplesmente porque as pessoas não percebem apenas coisas, elas também percebem “objetos de uso” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 136) como, por exemplo, uma roupa.²⁰ A teoria do reflexo condicionado trata essas transformações sistemáticas como uma soma de transformações locais explicáveis, em cada ponto do córtex, pela eficácia condicional do estímulo. Mas dizer que o funcionamento nervoso distribui valores simbólicos é dar um passo a mais. Afinal, uma simples excitação já é um fenômeno transversal e global, e não apenas um fenômeno longitudinal e pontual. Quando um fenômeno é adaptado simbolicamente ele exige algo a mais: cada ponto da extensão concreta é visto como uma localização presente e uma localização virtual. Cada mudança de posição do corpo corresponde a uma reorganização do campo espacial que não é construído ponto por ponto: “cada posição percebida só tem sentido inserida em um quadro de espaço que envolve um setor sensível, atualmente percebido, mas também um ‘espaço virtual’ cujo setor sensível é um aspecto momentâneo” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 138).²¹ Graças a isto o sujeito perceptivo se

¹⁹ Para Merleau-Ponty, Goldstein avança com relação à alternativa do mecanicismo e do vitalismo ao nível do conhecimento biológico. Goldstein defende que “o conhecimento biológico é o ato criador sempre repetido através do qual a Ideia do organismo torna-se para nós cada vez mais um acontecimento vivido, uma espécie de visão, no sentido que Goethe dá a esta palavra, uma visão que não perde nunca o contato com fatos muito concretos” (apud. Merleau-Ponty, 1956, p. 438). Nesta enciclopédia filosófica dirigida por Merleau-Ponty – *Filósofos célebres* – há uma sessão intitulada “Goldstein e a biologia” e o verbete sobre Goldstein é escrito por Merleau-Ponty. Logo depois de citar este trecho, ele encaminha a discussão no sentido de precisar o estatuto epistemológico desse conhecimento biológico, e para isto ele remete a Kant na *Crítica da faculdade do juízo* onde é possível encontrar a distinção entre máquina e organismo, é isto que exige uma nova maneira de conhecer o organismo (Kant, 1790/1995, §65).

²⁰ Esse exemplo aparece para introduzir algo que até agora está latente na análise. Merleau-Ponty diz: “Entre o aspecto atual da roupa colocada na minha frente, as posições que pode ocupar no espaço (por exemplo, quando eu pegar e colocar atrás de mim para vesti-la) e as regiões direita e esquerda de meu próprio corpo se estabelece uma série de correspondências regradas, que permite ao sujeito normal manejar a roupa sem hesitação e que falta ao agnóstico. Não são apenas valores espaciais e cromáticos que o funcionamento nervoso distribui, mas valores simbólicos” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 136).

²¹ A expressão “espaço virtual” se encontra na tese de doutorado de Henri Wallon: *Estados e distúrbios do desenvolvimento psicomotor e mental na criança*. Essa “tese principal” foi publicada juntamente com a “tese complementar” sob o título *A criança turbulenta*. Na parte do livro em que aparece a expressão citada por Merleau-Ponty, Wallon estuda uma criança epilética para a qual apenas as circunstâncias concretas são as únicas capazes de oferecer matéria para sua atividade e a encontrar acesso a seu espírito. Não se trata de dizer que elas tenham algum distúrbio primitivo ou essencial da percepção no seu contato com o mundo: “é tudo o que ela acrescenta à impressão primeira, para a identificar, que falta, arrasta ou desvia. [...] Ela é

move em um espaço estável mesmo que haja oscilação das excitações pontuais na superfície dos receptores. Portanto, a teoria do reflexo condicionado “não explica nada” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 138) e os condicionamentos adquiridos devem ser acionados por um processo de excitação estruturada, ou antes, por uma estruturação.

A conclusão negativa exclui ao mesmo tempo o empirismo psicológico e a antítese intelectualista, exclui tanto a hipótese de que as estruturas funcionais realizadas pela atividade nervosa se reduzem a associações por contiguidade, quanto o dualismo da percepção e da sensação, da forma e da matéria. O contraste entre uma pessoa acometida de amusia ou surdez musical (incapacidade patológica de produzir, reproduzir ou perceber sons) e um sujeito normal faz ver que neste último há uma manifestação de “funções de organização auditiva análoga à distribuição dos valores cromáticos e dos valores espaciais na ordem visual” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 139). Não é possível, então, constituir o campo espacial do comportamento ou perceptivo com reflexos localizados ou signos locais pontuais, também não é possível reportar a organização deste campo a uma instância superior.²²

Merleau-Ponty extrai uma consequência derivada da noção de forma: o interesse dessa noção está em que ela “ultrapassa” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 139) a concepção atomista do funcionamento nervoso sem reduzi-lo a uma atividade difusa e indiferenciada. Essa noção permite ultrapassar o empirismo psicológico e a antítese intelectualista. O tipo de corte que a análise da percepção do ponto de vista do espectador estrangeiro restabelece neste nível da análise é, finalmente, entre diferentes tipos ou níveis de organização, e não simplesmente entre sensação e percepção, sensibilidade e inteligência, caos de elementos e instância superior organizadora. Como compreender a forma nos fenômenos centrais? Para responder a esta pergunta é preciso entender o sentido das análises de Merleau-Ponty até este momento do texto, isto introduz a

inapta à imediata apercepção das relações múltiplas, que irradiam de uma impressão atual. [...] É a aptidão de pensar o virtual que lhe falta” (Wallon, 1925/1984, p. 159-60). Essa criança não é capaz de fazer nem mesmo uma abstração elementar, pois se trata de um assimbolismo ao mesmo tempo verbal e experimental desencadeado pela ausência de um espaço mental ou virtual indispensável para o uso dos símbolos interpretados como instrumentos de evocação. Em suma: está em questão um meio virtual em que se distribuem e se ordenam as representações e os símbolos. Para Wallon, esse meio se sobrepõe ao espaço motor perceptivo e torna possível a passagem do percebido ao pensável, das realidades empíricas às relações conceituais: “Falar de um espaço virtual que o pensamento superporia ao espaço percebido é combinar dois espaços psíquicos” (Wallon, 1925/1984, p. 163).

²² Merleau-Ponty (1942/2013, p. 139) diz: “O espaço concreto, tal como é apreendido no interior do nosso campo visual, e o espaço virtual no qual a percepção normal se insere são duas camadas constitutivas distintas, apesar de a segunda integrar a primeira. Podemos estar desorientados no espaço virtual sem estar no espaço concreto. Podemos ser incapazes de pensar o espaço como meio universal, sem que o horizonte de espaço virtual que rodeia a extensão propriamente visível seja por isso abolido”.

conclusão positiva. Trata-se não só de apontar para noção de forma, mas também de saber o que é uma forma. As análises feitas por Merleau-Ponty já apontam para a exigência de se mudar de categoria em fisiologia e em psicologia ao introduzir a noção de forma. Mas será que todas as condições necessárias para se compreender o funcionamento nervoso estariam resumidas nesta categoria de forma? Com Goldstein, Merleau-Ponty já trabalha com a definição do sistema nervoso como um “processo do tipo ‘figura e fundo’” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 140). Na esteira de Goldstein, Merleau-Ponty (1942/2013, p. 140) insiste no fato de que “todos os graus existem na dependência das formas em face de certas condições topográficas”. Mas será que a forma é capaz de explicar a ambiguidade do lugar na substância nervosa sem manter um paralelismo ou um isomorfismo rigoroso? Não se trata mais de investigar fenômenos fisiológicos no sentido estrito da palavra.²³ O próprio fato de que na descrição da forma se lança mão de termos como figura e fundo – termos que são próprios ao mundo da percepção – ajuda a encaminhar uma resposta. Merleau-Ponty se recusa a reconhecer qualquer processo que simbolize de maneira adequada as relações inerentes ao que se costuma chamar de consciência, pois é no mundo percebido que se entende não só o que é uma figura e um fundo, mas também o alcance da relação entre esses termos.

Em suma: duas excitações díspares são fundidas na visão se elas exercem a mesma função nas duas regiões coloridas; com relação às palavras consideradas como “fenômeno físico, como conjunto de vibrações do ar”, não é possível descrever no cérebro nenhum fenômeno fisiológico capaz de servir de “substrato ao significado da palavra”, afinal, já na audição ou na elocução a palavra interpretada como “conjunto de excitações motoras ou aferentes pressupõe a palavra como estrutura melódica e, esta, a frase como unidade de significação” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 141). Merleau-Ponty acompanha, então, a substituição de uma “justaposição espacial dos condutores periféricos” por uma “hierarquia lógica de níveis funcionais” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 142). Assim, essa

²³ Isomorfismo: “Na teoria da forma de Kohler, designa-se com esse nome o princípio geral de uma identidade estrutural entre o fenômeno cerebral e o fenômeno físico sensível, entre as formas visíveis e os processos cerebrais correspondentes a suas percepções. Este princípio retoma a doutrina metafísica da semelhança essencial entre o mundo e o conhecimento” (Piéron, 1951, p. 148). Mas se o isomorfismo é mesmo isto, ao lançar mão da psicologia da forma – mas também de outras teorias como as de Goldstein e Buytendijk, por exemplo – para criticar a noção clássica de reflexo e o alcance do reflexo condicionado, Merleau-Ponty não adota inteiramente o ponto de vista da teoria da forma; depois de ter lançado mão dela ele faz a crítica, particularmente do isomorfismo e do privilégio que essa teoria dá à interpretação física da forma. No decorrer do livro fica claro que Merleau-Ponty pretende, ao contrário, não só generalizar a forma (há forma no mundo físico, vital e humano: as formas se relacionam sem se identificar), mas também extrair “a significação filosófica” da forma (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 194). Merleau-Ponty pretende fornecer a filosofia ou a interpretação adequada a esta descoberta científica.

estrutura de conduta é sustentada pelo funcionamento cerebral e só pode ser compreendida pelos termos figura e fundo que foram tomados de empréstimo do mundo percebido que é muito mais “rico” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 142) do que a ordem dos fenômenos fisiológicos. Deve-se notar que essa semântica da riqueza reenvia novamente ao mundo da percepção. Para onde aponta o fracasso da fisiologia da percepção espacial? Aponta para a originalidade do mundo percebido e da percepção que não podem ser construídas nem compostas por uma reunião de partes porque há a forma ou a estrutura.

4. Epílogo

As análises dos comportamentos orgânicos e nervosos em seus meios respectivos não revelam apenas modos de existências criadores que fazem ver estruturas que não podem ser decompostas. Os dois primeiros capítulos do livro *A estrutura do comportamento* já revelam o sentido do método presente em toda obra de Merleau-Ponty: a ontologia indireta. Isto quer dizer que a filosofia começa com a ciência e põe em relevo o mundo percebido. Aqui, a ciência tem um papel crítico e sem ela não seria possível um estudo do comportamento, mas apenas com ela também não, pois a interpretação ficaria defasada. Por isto o comportamento reinterpretado na esteira da categoria de forma é mais interessante do que a interpretação clássica: ele reenvia à existência e ao mundo percebido. É o modo com que o filósofo trabalha com os resultados científicos que aponta para isto: por um lado, o estudo do comportamento só é possível a partir dos trabalhos da ciência, por outro, ele sabe que ao lançar mão desses trabalhos deve recusar a filosofia espontânea da ciência e reinterpretar filosoficamente seus resultados de tal modo que se aponte para essa atividade e região desconhecidas pelo empirismo e pelo intelectualismo. A forma posta em relevo através das descrições e críticas das ciências não só arruína a atitude tradicional diante do comportamento, ela também se torna um motivo fundamental para uma revisão das categorias tradicionais e uma reforma do entendimento. Mas a própria noção de forma e seu modo de abordagem também estabelecem um limite para as interpretações merleau-pontianas.

Em sua primeira filosofia, Merleau-Ponty trabalha conscientemente com categorias científicas e filosóficas que não deixam de cobrar certo preço. Por exemplo, ao fim do livro, a forma conduz o filósofo a um pensamento de tipo hegeliano: “a noção de *Gestalt* nos conduz, por um desenvolvimento natural, ao seu sentido hegeliano, ou seja, ao conceito antes que ele se torne consciência de si” (Merleau-Ponty, 2013, p. 319). Na

verdade, o pensamento dialético está presente em todo o livro. Em outro capítulo ele cita Hegel a partir de Jean Hyppolite: “O conceito é o interior da natureza” (*apud* Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 245); mais adiante ele inverte: “A natureza [...] é o exterior de um conceito” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 319). Para o que interessa não importa tanto o que diz Hegel, sobretudo, porque seria preciso interpretar estas ideias com aquela de Goethe que já apareceu através de Goldstein sobre o conhecimento biológico como um acontecimento vivido, um tipo de visão que não perde o contato com a natureza. Merleau-Ponty encaminha a interpretação filosófica da forma como um tipo de totalidade em que se encontra a “unidade do interior e do exterior, da natureza e da ideia”, com a forma ele quer encontrar “a solução da antinomia” na “síntese da natureza e da ideia” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 320/206). Não sendo uma coisa, a forma é uma “ideia sob a qual se reúne e se resume o que se passa em vários lugares. Essa unidade é a dos objetos percebidos” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 218). Em suas mãos a forma não reenvia ao conhecido e ao sujeito do conhecimento, mas ao mundo percebido e à consciência perceptiva.²⁴

Merleau-Ponty usa certas ideias hegelianas tendo em mente principalmente o aparato da fenomenologia husserliana. É preciso, então, detectar e recusar o idealismo que decorre das categorias filosóficas e científicas usadas para comentar a experiência, mas deve-se acrescentar que o surgimento do mundo percebido e do sujeito perceptivo faz com que se profile a interpretação propriamente merleau-pontiana. Por isso a essência correlata à consciência perceptiva não é aquela dos objetos puros, mas a “essência alógica dos seres percebidos” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 325). A utilização de certas categorias e procedimentos filosóficos revela as características e os limites da interpretação, o que causa certo descompasso inesperado entre a descrição e a

²⁴ No Prefácio do livro *A fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty diz algo que ajuda a entender o que ele quer pensar com o termo ideia: “Em cada civilização, trata-se de reencontrar a Ideia no sentido hegeliano, quer dizer, não uma lei do tipo físico-matemático, acessível ao pensamento objetivo, mas a fórmula de um comportamento único em relação ao outro, à Natureza, ao tempo e à morte, certa maneira de pôr forma no mundo que o historiador deve ser capaz de retomar e de assumir” (Merleau-Ponty, 1945/2016, p.19). Para além deste conceito de ideia, Merleau-Ponty faz um uso bem próprio do aparato hegeliano, particularmente da dialética. Nos trechos analisados neste artigo o termo remete a um contraste decisivo com o pensamento causal, mas em outros trechos do livro a dialética avança preenchendo a distância entre as tematizações filosóficas e os dualismos que ele pretende superar. Para Renaud Barbaras, a dialética “mascara uma dificuldade mais do que a resolve”; ele também aponta para os caminhos trilhados pelo filósofo em sua última filosofia ao comentar a forma fora dos registros da filosofia da consciência; mas aqui basta indicar a dificuldade em questão, a saber, “a inadequação das categorias colocadas em obra relativamente à experiência da qual elas tentam dar conta, a saber, a forma. A dialética trai a abstração do ponto de partida adotado para pensar a forma. Logo, durante todo este período, o estudo da *Gestalt* abre a via da experiência bruta e é posta ao serviço da crítica do empirismo e do intelectualismo, mas a *Gestalt* nunca é pensada por si mesma” (Barbaras, 2001, p. 158).

interpretação. Isto não quer dizer que as descrições devem ser descartadas, mas que seria preciso mudar de categorias e de ponto de vista. Ainda que as fontes filosóficas de Merleau-Ponty sejam muito apuradas historicamente, é preciso ao mesmo tempo fazer a crítica das categorias através das quais ele mesmo interpreta essas fontes e entender que na maioria das vezes um conceito arrasta as estruturas de sua filosofia de origem. Ao formular sua filosofia da percepção e do mundo percebido – feito inédito na história da filosofia –, ele conserva certas estruturas conceituais tributárias das próprias fontes. E isto acontece porque ele não questiona certas aquisições teóricas da tradição. A interpretação a partir da forma, da fenomenologia e da dialética mantém certos aspectos da teoria idealista e obscurece aquilo que deveria iluminar. Mas enquanto filósofo, Merleau-Ponty se encarrega de retificar e aprofundar o sentido de tais categorias e modificar seu ponto de vista ao avançar sua própria filosofia do mundo percebido em uma filosofia do mundo sensível e, no limite, radicalizar esta última em uma ontologia do Ser bruto.

Merleau-Ponty começa a resolver estas e outras dificuldades no período intermediário de sua obra. No texto analisado neste artigo, Merleau-Ponty reduz a filosofia tradicional e coloca em relevo, através da descrição detalhada de fatos científicos, as primeiras cenas de uma atividade de correlação intencional e dialética. A propósito, ainda que a importantíssima correlação intencional de origem husserliana só apareça explicitamente ao fim do livro, ela é uma categoria da fenomenologia que põe mais problemas do que os resolve. Merleau-Ponty não trabalha com essa correlação ao nível do fenômeno puro, mas sim ao nível do ser. Essa correlação pode ser formulada assim: “estou certo de que há ser – sob a condição de não procurar outro tipo de ser senão o ser-para-mim” (Merleau-Ponty, 1948/1996, p. 114). De fato, esta correlação implode qualquer filosofia da representação e resolve seus problemas apenas no interior de uma filosofia da consciência. Mas a interpretação da consciência perceptiva como a instância em que tudo se anuncia, ainda que não expressamente, remete ao idealismo. Mesmo assim, a marca merleau-pontiana deve ser frisada: “o percebido só explicável pelo próprio percebido” (Merleau-Ponty, 1942/2013, p. 141). Isto significa que a filosofia não pode mais abandonar o mundo vivido e que, no limite, as descrições apresentadas continuam válidas dentro de seus contextos. Além disto, vale dizer que a força da interpretação merleau-pontiana vem ao mesmo tempo da característica datada de suas fontes e da sua vontade de ultrapassar as dicotomias tradicionais.

O modo com que Merleau-Ponty aborda as ciências é importante porque a crítica que ele dirige a vários setores do pensamento científico pode ser usada para entender o

que se passa com sua própria filosofia. Não há como negar que seus objetivos são realmente inovadores, mas ao lançar mão de categorias da filosofia e da ciência de seu tempo ele assume prejuízos que pretendia afastar. Isto se dá porque suas categorias terminam não sendo tão afeitas assim aos fenômenos que ele interpreta. Seu trabalho ajuda a entender a dificuldade de fazer nascerem categorias filosóficas de fatos científicos. Na verdade, o contexto filosófico de Merleau-Ponty, contexto fenomenológico e dialético, termina influenciando seu ponto de partida mais do que ele previa. A consequência disto está em que ele terá que se situar decididamente em outro terreno e refazer seus trabalhos descritivos e interpretativos. Ele já reconhece e recusa esse tipo de dificuldade teórica pouco tempo depois da defesa das teses de doutorado. Aqui, seu objetivo é apenas rejeitar a consideração do mundo como em si e elaborar uma filosofia da percepção e do mundo percebido que tenha a forma como parâmetro.

No contexto deste artigo, o modelo predominante para interpretar a forma é a melodia, já a lógica que reina em todos os níveis estudados é a lógica dos todos e das partes. A melodia não serve apenas para compreender o organismo como uma atividade orientada e sua distinção em relação a uma coisa que repousa em si, ela serve, também, para compreender a relação entre o organismo e o meio como um único fenômeno de conjunto. A melodia também serve para caracterizar os comportamentos superiores em suas relações com seus meios virtuais. Nessa altura da filosofia merleau-pontiana, o importante é frisar que há sempre alguém que ouve tal melodia, assim como há sempre uma consciência para a qual a forma aparece. A forma é apresentada como chave interpretativa e a consciência correlata da forma é a consciência perceptiva. No decorrer das teses esse alguém que escuta a melodia é identificado como o corpo próprio em sua relação originária com o mundo, mas as estruturas teóricas e conceituais das ciências e das filosofias estudadas forçam e limitam a interpretação desta relação dentro dos parâmetros da forma e da correlação intencional e dialética. Isto delinea teoricamente o horizonte de uma teoria que também possui uma feição quase racionalista, ou seja, uma teoria que não deixa escapar nada, que não reconhece nada fora de seu alcance, que obriga rigorosamente cada parte a remeter a outra parte e, no limite, ao todo sem nenhum resto. Na economia da obra esta dificuldade é rapidamente detectada, além disto, ele vai tratar dela de maneira decisiva ao estudar a natureza como aquilo que não contém pensamento, que é primordial e por isto resiste à consciência. Por enquanto, basta dizer que há aqui o índice de um problema que envolve toda a primeira fase da filosofia de Merleau-Ponty: quem ouve

uma melodia pode ouvir e compreender qualquer outra melodia, mesmo a que ninguém ouviu, e isto, graças ao poder de sua configuração perceptiva.

Bibliografia

- Barbaras, R. (2001) Merleau-Ponty et la psychologie de la forme. *Les études philosophique*, 2001-2, 151-163.
- Bergson, H. (1907) *L'évolution créatrice*. In *Œuvre*. Paris: Puf, 1970.
- Bimbenet, E. (2000) *La structure du comportement*. « *L'ordre humain* » (chap. III, 3). Paris: Ellipses, 2000.
- Buytendijk, F. (1931) Le cerveau et l'intelligence. *Journal de psychologie normale et pathologique*, 345-371.
- Canguilhem, G. (1952) *La connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1998.
- Canguilhem, G. (1943) *O normal e o patológico*. Trad.: Maria Thereza Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- Foulquié, P. (1951) *A psicologia contemporânea*. Trad.: Haydée Campos. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- Goldstein, K. (1934) *La structure de l'organisme. Introduction à la biologie à partir de la pathologie humaine*. Trad.: E. Burckhardt. Paris: Gallimard, 1983.
- Husserl, E. (1900-1901) *Investigações lógicas*. Trad.: Pedro Alves e Carlos Morujão. Lisboa: Phainomenon, 2007.
- Kant, E. (1781) *Critique de la raison pure*. Trad.: Alain Renault. Paris: Aubier, 1997.
- Kant, E. (1790) *Critique de la faculté de juger*. Trad.: Alain Renault. Paris: Flammarion, 1995.
- Merleau-Ponty, M. (1968) *La nature*. Paris: Seuil, 1995.
- Merleau-Ponty, M. (1942) *La structure du comportement*. Paris: Puf, 2013.
- Merleau-Ponty, M. (1945) *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 2016.
- Merleau-Ponty, M. (1956) *Les philosophes célèbres*. Paris: Lucien Mazenod.
- Merleau-Ponty, M. (1948) *Sens et non-sens*. Paris: Gallimard, 1996.
- Pavlov, I. (1927) *Les réflexes conditionnels. Étude objective de l'activité nerveuse supérieure des animaux*. Trad: G. Vricouroff. Paris: Alcan, 1932.
- Piéron, H. (1951) *Vocabulaire de la psychologie*. Paris: PUF.
- Ruyer, R. (1952) *Néo-finalisme*. Paris: Puf.
- Wallon, H. (1925) *L'enfant turbulent. Études sur les retards et les anomalies du développement moteur et mental*. Paris: PUF, 1984

- Watson, J. (1913) Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20(2), 158-177.
- Weizäcker, V. (1940) *Le cycle de la structure*. Trad.: Michel Foucault e Daniel Rocher. Paris: Desclée de Brouwer, 1958.
- Wertheimer, M. (2005) A teoria da Gestalt [1924]. Trad.: Ricardo Bordini. *Análise musical*, 1-9.